

Nas *lives* que a gente se encontra...

Isabella Maio

(Assistente social, mestranda em saúde pública ENSP/Fiocruz)

Tenho assistido muitas *lives* neste período de isolamento social (como a maior parte das pessoas, eu imagino...). Muitas dos eventos que fazemos com o projeto e dos colegas que nos convidam a assistir sobre temas relacionados à saúde, trabalho, direito, ambiente e etc.

Mas às 22h tenho compromisso diário em assistir as *lives* da cantora e sambista [Teresa Cristina](#). Teresa (com S e não a com Z, que compõe o atual governo) é minha vizinha e começou a fazer suas *lives* bem no começo da pandemia como uma forma de se alegrar, conversar com amigos e fugir da depressão. Apesar de morarmos próximas, não conheço Teresa pessoalmente, só de vista... mas já acompanho sua carreira há algum tempo, pois, além de ter uma linda voz, compartilhamos a paixão pela azul e branca de Madureira, [a Portela](#).

Teresa começou fazendo suas *lives* tímidas (como ela é) sobre o samba, sua paixão. Aos poucos ela foi revelando que além de uma excelente cantora é também uma espécie de enciclopédia musical. Aos poucos, as *lives* se tornaram verdadeiras rodas de samba dos trabalhadores, nos reportando aos bares da Lapa, e contam com a participação de cantores anônimos e famosos, como Bebel Gilberto, Caetano Veloso, Paulinho da Viola, Alcione, Moacyr Luz, Jorge Aragão e Chico Buarque. Criamos em torno destas *lives* um verdadeiro espaço de resistência em meio ao caos. Por vezes aparece um *bolsominion* querendo tumultuar o nosso espaço (como eles costumam fazer...), mas rapidamente são abafados... não há espaço para essas pessoas no samba dos trabalhadores.

Teresa nos mostra sua força, de mulher preta, suburbana, vascaína e portelense como ela mesma gosta de falar. Filha da universidade pública, do movimento estudantil da UERJ (de onde também sou filha), Teresa nos fortalece através da arte. Por mais difícil que seja o dia, somos transformados e renovados com as músicas (cantadas à capela na maioria das vezes) e a resistência que elas inspiram. É como um respiro no meio do caos...

Pouco a pouco vamos nos encontrando nas *lives*, neste novo momento que é imposto a nós. Vamos encontrando os caminhos para nos fortalecermos e nos organizarmos através da arte e das tecnologias....e quando chegarmos lá, como diria o poeta Chico Buarque:

“Não tem carranca
Nem trator, nem alavanca
Quero ver quem é que arranca
Nós aqui desse lugar”